ERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto n°17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

SUBJETIVIDADE E A LÓGICA CULTURAL DO CAPITALISMO: UMA INVESTIGAÇÃO FILOSÓFICA

Anna Carolina Penha Cutrim[1]; Laurenio Leite Sombra[2]

1. Bolsista FAPESB, Graduanda em Bacharel em Filososfia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: annacarolina.cutrim@gmail.com

2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: llsombra@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: subjetividade; capitalismo; marxismo.

INTRODUÇÃO

A subjetividade a partir da apreensão marxiana não é explorada diretamente, ao menos como utilizamos o termo atualmente, mas deixa pista, traz reflexões e alguns elementos básicos que possibilitam uma construção teórica a respeito dela. Assim, o objetivo principal desta pesquisa é investigar os processos de conformação da subjetividade e seus principais aspectos como consequência da lógica cultural do capitalismo. Para tanto, propomos examinar, primeiramente, as bases ontológicas da teoria marxiana - trabalho, sociabilidade e historicidade - e analisar como se perpetra a relação dialética que essas categorias provocam entre subjetividade e objetividade. A partir da compreensão destas categorias podemos articular a concepção ampla e trans-histórica da relação dialética humana - natureza e trabalho - devido ao desdobramento da subjetividade e objetividade, correlacionando-as às configurações específicas do capitalismo - alienação, fetichismo e reificação - que favorecem a uma transformação da subjetividade. Assim, as discussões e análise viabilizaram a execução de nossas investigações diante da lógica capitalista que se estrutura e captura o sujeito.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

A metodologia utilizada para a realização desta pesquisa se baseou na leitura e discussão bibliográfica e conceitual a partir das contribuições marxianas, e de autores e comentadores do marxismo. As bases bibliográficas programadas para a pesquisa permitiram examinar os conceitos basilares do marxismo possibilitando à investigação central deste trabalho: a subjetividade. As leituras examinadas para a compreensão das bases ontológicas que fundamentam o marxismo, a partir das obras Os Manuscritos econômico-filosóficos (2010) de Karl Marx; algumas definições de Gyorg Lukács em

Ontologia do ser Social I (2018),. Em seguida, para aprofundar a discussão sobre a subjetividade e seu caráter transformativo sobre as objetividades, foram realizadas leituras da obra de István Mészàros *A teoria da alienação em Marx*. Por fim, os conceitos de alienação nos *Manuscritos econômico-filosóficos* elaborados por Marx (2010), fetichismo no livro *O Capital* (2017) do próprio Marx, bem como o conceito de reificação explorado por Lukács (2003) foram articulados e analisados a fim de compreender os processos de conformação da subjetividade no capitalismo. As leituras acima estabelecidas também foram cotejadas com a interpretação de comentadores. Concomitante às leituras acima citadas foram confeccionados resumos, comentários e fichamentos que facilitaram a compreensão dos conceitos apontados; as discussões produzidas pelo grupo de estudos durante o período de realização deste trabalho contribuíram como suporte para melhor aprofundamento teórico das investigações que desenvolvemos nesta pesquisa.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Através da concepção marxiana da interação humano-natureza, foi possível investigar as bases ontológicas fundamentais que engendram as transformações na vida concreta dos indivíduos. A natureza possui sentido prático e por meio dela o ser humano adquire consciência de sua atuação a fim de se afirmar e se confirmar como ser efetivo no mundo, ou seja, o ser humano dispõe de capacidades que lhe possibilitam a sobrevivência e a produção de sua vida. O comportamento ativo fomenta o engendrar do mundo objetivo – de modo intelectual e operacional –, os resultados alcançados permitem ao indivíduo a transformação de si mesmo no mundo que ele cria e transforma. Aqui o *trabalho* se destaca como atividade produtiva, que diferencia o ser natural humano da atividade vital das demais espécies da natureza. É pelo ato do trabalho que o sujeito potencializa suas habilidades, promovendo uma dinâmica espontânea, sendo mediador da relação humano-natureza. Sendo assim, as objetividades provocadas pela ação humana no mundo prático incidem sobre a subjetividade humana numa reciprocidade dialética. A partir de sua interação com o mundo externo se estabelecem elementos fundamentais dos quais originam o desenvolvimento das relações sociais de produção, suscitando novas necessidades e promovendo desenvolvimento social. Contudo, as objetividades derivadas desse processo fazem com que os indivíduos que dela participam também exerçam suas potencialidades num determinado conjunto social e assim modifiquem as condições de vida que lhes foram dadas, de modo que a cada geração a realidade posta esteja continuamente em

transformação. A consciência comum emerge desse saber adquirido na vida prática e o processo histórico revela como os indivíduos se articulam e condicionam a própria realidade.

Com o advento do capitalismo o trabalho não mais se manifesta como único mediador na relação humano-natureza. Agora, outras formas de mediação mais complexas impedem os indivíduos de lidar diretamente com o próprio trabalho, visto que, para que se estabelecesse, a expropriação de suas terras culminou no afastamento de expressões específicas das categorias que constituem as bases ontológicas do sujeito. As forças produtivas de uma determinada sociedade e cada modo de produção suscitam um tipo particular de consciência, tornando-se uma condição de possibilidade para determinada subjetividade. Sendo assim, à medida que o modo de produção capitalista gradualmente separou a relação humano-natureza através de outros mediadores que emergem desse sistema, os sujeitos que dele participam produzem e reproduzem uma consciência alienada. Ou seja, toda organização da estrutura capitalista está condicionada a um conjunto de mediações que dicotomizam a relação sujeito-objeto. Na proporção que os fenômenos objetivos e subjetivos de sociabilidade se estruturaram, as relações de intercâmbio entre os indivíduos foram remodelando os objetos produzidos em mercadoria. As investigações de Marx nos mostram que o surgimento da sociedade moderna ocorreu porque assumiu uma relação com o processo de produção, circulação e consumo das mercadorias cada vez mais orientados para o valor de troca.

As condições objetivas desse processo fixam a grandeza de valor nos frutos da produção, desdobrando-se em todo o complexo social e atingindo os modos de organização subjetiva do trabalhador, de modo que tanto o produto do trabalho quanto o trabalho humano assumem formas de mercadoria. Esse fenômeno histórico das sociedades capitalistas ocorre devido à lógica do modo de produção que engendra uma espécie de inversão entre as qualidades naturais das coisas e as relações sociais de produção. Nesse contexto, os seres humanos mistificam suas relações de tal modo que são os valores subjacentes às mercadorias que dominam as necessidades humanas, de modo que a produção de riqueza é cristalizada em coisas “encarnadas” de valor. Com as abstrações resultantes da alienação entre sujeito e objeto consubstanciada na primazia do valor de troca, os indivíduos passam a naturalizar as relações sociais como coisas, obscurecendo o trabalho em sua constituição ontológica como atividade mediadora da relação homem-natureza, de modo que o sujeito interioriza as abstrações provocadas por esse sistema na sua realidade cotidiana, afetando a organização de sua própria

personalidade. Esse processo confunde e atinge a singularidade dos indivíduos e impulsiona a subordinação estrutural do complexo social..

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As investigações nos permitiram compreender que a formação do sujeito humano, e por conseguinte, sua subjetividade, se constitui a partir de sua interação com o mundo concreto. Essa interação só é possível devido ao caráter mediador do trabalho direcionado ai suprimento de suas necessidades. Essas circunstâncias engendram condições objetivas que influem, reciprocramente, tanto nos processos de individuação como no de sociabilização. Como consequência dessa interação dialética entre humanos e mundo objetivo, criado e transformado pela atividade dos indivíduos, emerge um novo sistema cuja organização desdobra um conjunto de mediações que dicotomizam a relação sujeito-objeto, ocasionando na redução e abstração de suas relações com a natureza, consigo e com outrem. Assim, a lógica capitalista faz do indivíduo um ser reduzido e abstraído de sua totalidade, moldado exatamente pelo sistema que ele mesmo criou, afastad cada vez mais de seu ser concreto, de suas necessidades e desejos próprios, de sua experiência e de sua subjetividade.

REFERÊNCIAS

LUKÁCS, György. A reificação e a consciência do proletariado. *In*:_____. *História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista.* Tradução; Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.193-240

_____, György. Para uma ontologia do ser social I. 2ª Ed. Tradução de Carlos Nelson Coutinho, Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl.. *Manuscritos econômicos filosóficos*. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____, Karl. *O Capital: crítica da economia política. Volume I – Livro Primeiro: o processo de produção do capital*. Tomo 1. Tradução de Rubens Enderle. 2ª edição. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

MÉSZÀROS, ISTVÁN. *A teoria da alienação em Marx*. Tradução: Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2016. p.76-89.